

Jiddu Krishnamurti

Sufrimento Psicológico

From the series:

Natureza da Mente

Saturday, April 17, 1982

Second Conversation with David Bohm, John Hidley and Rupert Sheldrake in Ojai

A Natureza da Mente Parte Dois Sufrimento psicológico Este é um de uma série de diálogos entre J Krishnamurti, David Bohm, Rupert Sheldrake e John Hidley. O propósito destas discussões é explorar questões essenciais sobre a mente, o que é desordem psicológica, e o que é necessário para uma mudança psicológica fundamental. J Krishnamurti é um filósofo religioso, autor e educador que tem escrito e dado palestras sobre estes assuntos há vários anos. Ele fundou escolas fundamentais e secundárias nos Estados Unidos, Inglaterra e Índia. David Bohm é professor de física teórica no Birkbeck College, Universidade de Londres na Inglaterra. Ele escreveu inúmeros livros a respeito de física teórica e a natureza da consciência. Professor Bohm e o Senhor Krishnamurti já mantiveram diálogos anteriores sobre vários assuntos. Rupert Sheldrake é um biólogo, cujo livro recém publicado propõe que o aprender em alguns membros de uma espécie afeta a espécie como um todo. Dr. Sheldrake é atualmente consultor de fisiologia de plantas no Instituto Internacional de Pesquisa de Culturas em Hyderabad, Índia. John Hidley é um psiquiatra autônomo, que está associado com a escola Krishnamurti em Ojai, Califórnia nos últimos seis anos. No primeiro diálogo foi discutida a natureza do eu, sua relação com o sofrimento, a sociedade e a religião. As questões levantadas foram, pode-se descobrir ou aprender sobre estas relações, e é a necessidade de segurança psicológica a raiz do problema? A discussão de hoje continua com estas questões.

H: Nós conversamos ontem, começamos com a questão da origem e natureza da desordem psicológica, e sugerimos que ela tem suas raízes na atividade autocentrada, que é divisiva e conflituosa na natureza, e que biologicamente tais fatores como agressão instintiva e ímpetos de dominância, os fatos da doença e morte, todos contribuem. Eu imaginei que nós poderíamos começar esta manhã, David, com o seu comentário sobre a relação entre estes fatores biológicos e a segurança psicológica.

B: Sim, bem, biologicamente, se você começa com o animal, você tem todos os tipos de coisas como o medo, a raiva, e a agressão, e elas são bastante simples. Elas existem por um curto período, enquanto o fato está lá, e então elas geralmente desaparecem, deixando pouco vestígio. Talvez haja uns poucos casos nos animais

mais evoluídos onde há alguma memória, mas é no homem que a memória se torna muito significativa, lembrando todas estas experiências e antecipando o futuro, você adquire um tipo muito diferente de comportamento. Por exemplo, com um animal, ele pode ter tido uma experiência ruim com um outro animal, e logo depois ele estará em um estado de equilíbrio bastante bom, mas, digamos, nós temos uma briga entre dois grupos, como na Irlanda do Norte e Irlanda do Sul, isto tem acontecido há 350 anos, e existe um esforço específico para lembrar disso que você pode ver que não acaba. E eu acho que esta é a grande diferença.

H: A memória sendo o...

B: Sim, o efeito da memória, as consequências da memória. Veja, a memória por si só obviamente não causaria nenhum problema, porque é somente um fato, certo? Mas a memória tem consequências: ela pode produzir o medo, pode produzir a raiva; pode produzir todos os tipos de distúrbios, para lembrar o que aconteceu e antecipar o que pode acontecer.

S: Você quer dizer, pensar sobre isto?

B: Sim. Baseado na memória, certo?

S: Quer dizer, obviamente o animal que foi atacado por outro animal lembra no sentido em que quando ele vê o outro animal novamente, ele tem medo. Ele provavelmente não pensa sobre isto no meio tempo.

B: Sim, ele não consegue formar uma imagem, eu não acredito que a maioria dos animais possa formar imagens dos outros animais, e eu posso basear isso numa experiência, que eu vi cães brigando ferozmente, e assim que eles viram a esquina, o cão meio que esquece o que aconteceu. Ele fica perturbado mas não sabe porque está perturbado. Bem, se ele pudesse lembrar do outro cão depois que virasse a esquina, ele continuaria a briga pelo território indefinidamente. Então, o ponto sobre o território existe, o animal o mantém em um certo contexto limitado. Mas o homem se lembra, e ele mantém este território indefinidamente e quer estendê-lo, etc., por causa de seu pensamento sobre isso.

S: Então, você está sugerindo que a base da dor e do sofrimento específico do ser humano, além do sofrimento que vemos no reino animal, é a habilidade de lembrar, de remoer, pensar sobre isto?

B: Sim, o animal talvez tenha um pouco disso. Eu vi exemplos na televisão de um veado que perdeu sua fêmea, e ele estava definhando na floresta, mas eu acho que isto é limitado, quer dizer, existe algum sofrimento desse tipo no mundo animal, mas com o homem é enormemente expandido, parece sem limites. Sim, eu acho que o ponto principal é que com o homem a coisa pode crescer como uma tremenda explosão que ocupa toda sua mente, e isto pode tornar-se o principal motivo na vida, lembrar o insulto e vingar a rixa, em famílias por várias gerações. Lembrar da experiência ruim que você teve com alguém e ficar com medo do que irá acontecer, como o exame do qual a criança pode ter medo, ou algo parecido.

K: Mas você respondeu a pergunta dele, senhor?

B: Qual é?

K: Qual era...

H: Como o fato biológico da doença, ou morte, ou ímpeto instintivo resulta em um problema psicológico ou desordem?

B: Através do pensar sobre isso. Eu digo que o fato biológico não é um problema sério, a longo prazo, mas assim que você começa a pensar sobre ele, e não meramente pensar sobre ele, mas fazer imagens sobre ele junto com esse pensamento, e reavivar a memória e antecipar o sentimento do futuro, enquanto você está pensando, ele se torna um problema muito sério, porque você não consegue parar, entende. Você nunca

alcançará segurança pensando sobre isto, mas você está constantemente procurando segurança. Veja, o propósito do pensar é lhe dar segurança em assuntos práticos, assuntos técnicos. Bem, portanto você está elaborando um tipo de pensamento parecido, dizendo como eu posso estar seguro diante da possibilidade de sofrer novamente? E não há jeito de fazer isso. Você pode dar passos técnicos para tornar isto improvável, mas quando você pensa nisso, você começa a agitar todo o sistema e distorce todo o processo mental.

H: Bem, parece claro que pensando sobre isso nós agitamos as emoções e associações que são esses pensamentos, mas não estamos sugerindo que não devêssemos pensar sobre isto, não é?

B: Bem, depende de como você pensa sobre isto. Este pensar torna-se dirigido para lhe dar uma sensação de segurança, entende, uma imagem de segurança.

H: Certo. Eu me machuco quando sou pequeno, ou em algum momento ao longo do tempo e isto cria um medo em mim, e eu antecipo esse tipo de situação. Eu talvez nem me lembre do incidente, mas eu quero evitá-lo no futuro.

B: Sim, e agora o ponto é: a mente está sempre procurando como evitar isto, e vasculhando os pensamentos, imagens, dizendo, aquele cara é o que fez isto, eu preciso me manter longe dele; chegando a conclusões, e se alguma conclusão lhe der uma imagem de segurança, então a mente se apega a ela, certo? Sem nenhuma base realmente.

H: Você poderia explicar isso um pouco?

B: Bem, se você teve uma experiência ruim com alguma pessoa, você pode concluir que você nunca deveria confiar nela novamente, por exemplo. Embora isso possa ser completamente errado. Mas a mente é tão ansiosa por ter segurança, que ela irá pular para a conclusão que não é seguro confiar nesta pessoa. Certo?

H: Sim.

B: Bem, se você achar uma outra pessoa que pareça tratá-lo bem, e lhe dar segurança, bajulá-lo, então você poderá pular para a conclusão que você pode confiar totalmente nela. Bem, a mente está agora procurando por pensamentos que irão lhe dar bons sentimentos, porque os sentimentos da memória são tão perturbadores para todo o sistema, que sua primeira função é fazer a mente sentir-se melhor, mais do que descobrir qual é o fato.

H: Ok, então você está dizendo que nesse ponto a mente não está interessada no que é verdadeiro, está interessada em tornar-se segura.

B: Sim, ela está tão perturbada que ela quer primeiramente buscar ordem, e está usando uma maneira errada, no meu ponto de vista.

H: A maneira errada sendo?

B: Pensar sobre isto e tentar achar pensamentos que a farão se sentir melhor.

H: Você está dizendo que os pensamentos em si, em algum sentido estão tomando o lugar da realidade, que a pessoa está tentando ter alguns pensamentos na cabeça para fazê-la sentir-se melhor.

B: Sim. E isso é auto-engano.

S: O que o faz pensar que o impulso primário é por segurança?

B: Oh, nós discutimos isso ontem, é claro, mas eu não estaria seguro de que este é o único impulso primário, mas é óbvio, para o animal é um impulso muito importante ter segurança, certo? Nós também queremos prazer, eu acho que esse é um outro impulso que está muito relacionado.

S: Mas para voltar à questão de segurança, em suas formas limitadas segurança é claramente um objetivo que nós temos. As pessoas gostam de ter casas e segurá-las, e carros, e posses, e extratos de banco, e este tipo de coisa. Mas existe este fator que aparece, quando você tem tudo, há duas coisas, na verdade, que aparecem, uma talvez seja o medo de que você perca tudo, mas o outro é o tédio com a coisa toda e o desejo por excitação e sensação. E isto não parece caber dentro do modelo deste desejo primário e central por segurança.

B: Bem, por isso eu disse que é somente um dos impulsos, certo? Que também existe o impulso em relação ao prazer, por exemplo, muito do que você disse está incluído no impulso em relação ao prazer, certo?

S: Eu não tenho tanta certeza.

B: A excitação é prazerosa, e as pessoas esperam por prazer e excitação mais do que por dor, em regra.

S: Mas você não acha que há um prazer em si na curiosidade, e há um senso de liberdade na descoberta que você pode obter de certos tipos de exploração, que não é meramente prazer simples, não é um tipo repetitivo de prazer, nem é segurança.

B: Sim, bem, eu não quis dizer que todos os nossos impulsos caem nisso eu disse que se você pensa sobre eles e os baseia na memória, então cairão neste problema. Bem, deve haver um interesse natural, livre em coisas que podem ser prazerosas, e isso não precisa ser um problema, certo? Mas se você se tornasse dependente disto, e pensasse sobre isto, e dissesse, "Se eu não tiver isto eu vou ficar muito infeliz," então seria um problema parecido.

K: Mas nós poderíamos entrar na questão, o que é segurança? O que essa palavra expressa? Além de segurança física.

S: Eu teria dito invulnerabilidade.

K: Não ser ferido.

S: Não ser ferido de modo algum, não ser capaz de ser ferido.

K: Não ser capaz de ser ferido e não ferir. Fisicamente nós todos somos feridos de uma maneira ou outra - operações, doenças, e tudo mais. Quando você fala sobre ser ferido você está falando sobre feridas psicológicas?

H: Sim, eu estou imaginando como é que quando uma pessoa vem ao meu consultório, sua queixa são suas feridas psicológicas.

K: Como você lida com isto?

H: Eu tento e...

K: Suponhamos que eu venha até você. Eu estou ferido desde a infância.

H: Sim.

K: Eu estou ferido pelos pais, pela escola, faculdade, universidade.

H: Sim.

K: Quando eu caso, ela me diz alguma coisa, eu fico magoado. Então, todo este processo de vida parece ser uma série de mágoas.

H: Parece construir uma estrutura do "eu" que está ferida, e uma percepção da realidade que está infligindo mágoa.

K: Sim. Bem, como você lida com isto?

H: Eu tento ajudá-lo a ver como você está fazendo isto.

K: O que você quer dizer, como eu estou fazendo isto?

H: Bem, por exemplo, se você construiu em você a noção que você está por baixo, ou que você é a vítima, então você se vê vitimizado, e você vê o mundo como um vitimizador. E eu o ajudo a perceber que é isso que você está fazendo.

K: Mas me mostrando isso, eu ficarei livre da minha mágoa? Minhas mágoas, mágoas inconscientes muito profundas que eu tenho me fazem cometer todos os tipos de ações peculiares, neuróticas, isolando-me.

H: Sim. Parece que as pessoas melhoram, que elas percebem que estão fazendo isto. E em alguma área, isto parece ajudar.

K: Não, mas você não está preocupado, se me permite perguntar, em não ser capaz de magoar de forma alguma?

H: Sim.

B: O que você quer dizer com isso, não magoar alguém ou não magoar... não trazer mágoa para dentro de você.

K: Eu posso magoar os outros inconscientemente, involuntariamente, mas eu não magoaria alguém voluntariamente.

B: Sim, você realmente não pretende magoar ninguém.

K: Sim. Eu não o faria.

S: Bem, talvez não, mas eu não vejo a ligação entre não ferir outras pessoas e não ferir a si próprio. Eu tenho certeza de que deve haver uma, mas não é óbvio. E a visão da maioria das pessoas sobre a melhor maneira de não ser magoado seria estar em tal posição que você pode magoar tanto os outros que eles não ousariam. Este é o princípio da retaliação nuclear, e este é um princípio muito comum.

K: Sim, é claro.

S: Então não é óbvio que não ferir os outros esteja relacionado com o não ferir a si próprio. Na verdade, usualmente, é o contrário. Usualmente presume-se que se você está em uma posição de ferir muito os outros, você se sentirá muito seguro.

K: É claro, quer dizer, se você é um rei, ou um sanyasi, ou uma dessas pessoas que construiu uma muralha a seu redor...

S: Sim.

K: ...naturalmente você nunca poderá feri-las.

S: Sim.

K: Mas quando elas eram crianças, elas foram feridas.

S: Sim.

K: Esta mágoa permanece. Ela pode permanecer superficialmente ou nos profundos recônditos da própria mente. Bem, como é que você, como um psicólogo, psicoterapeuta, ajuda o outro, que está profundamente

magoado e não está consciente disto, a ver se é possível não ser magoado de forma nenhuma?

H: Eu não lido com a questão sobre é possível não ser magoado de forma alguma. Isso não vem à tona.

K: Por quê? Essa não seria uma questão sensata?

H: Bem, parece ser o que nós estamos perguntando aqui. É a essência da questão que nós estamos colocando. Nós perguntamos em caráter particular somente na terapia, e você está perguntando mais em geral, é possível acabar com esta mágoa, ponto final. Não somente uma mágoa especial que eu venha a ter.

K: Então, como você procederia?

H: Bem, pareceria que a estrutura que possibilita a mágoa é onde nós temos de chegar. O que possibilita a mágoa em primeiro lugar, não esta mágoa ou aquela mágoa.

K: Eu acho que isto é muito simples. Por que eu estou magoado? Porque você diz algo a mim que não é agradável.

H: Bem, por que isso deveria magoá-lo?

K: Porque eu tenho uma imagem de mim como sendo um grande homem. E você chega para mim e diz, não seja um burro. E eu fico magoado.

H: O que é que está sendo magoado aí?

K: A imagem que tenho de mim mesmo. Eu sou um grande cozinheiro, um grande cientista, um grande carpinteiro, o que você quiser. Eu tenho esta fotografia em mim, e você chega e coloca um alfinete nela. E ela fica ferida. A imagem fica ferida. A imagem sou eu.

B: Eu sinto que isso não ficará muito claro para muitas pessoas. Como eu posso ser uma imagem, muitas pessoas irão perguntar. Como uma imagem pode ser ferida, porque se uma imagem não é nada, por que ela dói?

K: Porque eu investi nesta imagem muito sentimento.

B: Sim.

K: Um monte de ideias, emoções, reações - tudo isso sou eu, essa é minha imagem.

H: Contudo não parece uma imagem para mim, parece algo real.

K: Ah, claro, para a maioria das pessoas é muito real.

H: Sim.

K: Mas isso sou eu, a realidade dessa imagem sou eu.

H: Sim. Bem, podemos ver claramente que isso é uma imagem e não uma coisa real?

K: A imagem nunca é real; o símbolo nunca é real.

H: Você está dizendo que eu sou somente um símbolo.

K: Talvez.

H: Isso é um grande passo.

K: A partir daí surge a questão se é possível não ter imagem alguma.

S: Bem, espere um minuto. Eu não acho que nós estabelecemos claramente que eu sou uma imagem.

K: Ah, vamos adentrar isto.

S: Quero dizer, não está inteiramente claro. Quero dizer, é óbvio que até certo ponto, a pessoa é uma imagem, que quando eu tenho um sentimento sobre mim, e assim por diante. Não está inteiramente claro que isto é inteiramente injustificado. Veja, alguns aspectos disto podem ser exagerados, certos aspectos podem ser irrealistas, mas, uma abordagem seria, nós temos de remover, cortar estes aspectos irrealistas, reduzi-los a um tipo de tamanho razoável. E então, aquilo que resta seria a coisa real.

K: Então, senhor, você está levantando a questão, o que sou eu?

S: Bem, suponho que sim, sim.

K: Sim, basicamente. O que você é? O que somos? O que é um ser humano? Essa é a questão que está envolvida.

S: Sim, isso parece inevitável.

K: Sim. O que sou eu? Eu sou a forma, a forma física, o nome, o resultado de toda educação.

H: Sua experiência.

K: Minhas experiências, minhas crenças, meus ideais, princípios, os incidentes que me marcaram.

H: As estruturas que você construiu que é como você funciona.

K: Sim.

H: Suas habilidades.

K: Meus receios, minhas atividades, se elas são limitadas ou minha assim chamada afeição, meus deuses, meu país, minha língua, medos, prazeres, sofrimento - tudo isso sou eu.

H: Sim.

K: Essa é minha consciência.

H: E sua inconsciência.

K: Esse é todo meu conteúdo.

H: Ok.

B: Mas ainda há aquele sentimento de realidade que eu estou lá. Quero dizer, você pode dizer, você poderia sensatamente argumentar que é tudo que há para mim, mas quando alguma coisa acontece existe o sentimento de sua presença real, nesse momento.

K: Eu não estou te entendendo muito bem.

B: Se alguém reage ao ser ferido ou ao ter ficado bravo, esta pessoa sente nesse momento que há algo mais além disso, que existe alguma coisa profunda dentro de si que foi ferida, certo?

K: Eu não entendo bem. Minha imagem pode ser uma profunda... Essa é minha imagem, em todos os níveis.

B: Sim, mas como...

K: Espere, senhor, eu tenho uma imagem de mim mesmo, suponhamos, que eu seja um grande poeta, ou um grande pintor, ou um grande escritor. Além desta imagem de um escritor, eu tenho outras imagens de mim

mesmo. Eu tenho uma imagem da minha esposa, e ela tem uma imagem de mim, e existem tantas imagens que eu construí ao meu redor; e a imagem de mim mesmo também. Então, eu posso juntar um feixe de imagens.

B: Sim, eu entendo.

K: Parcial.

B: Sim, você está dizendo que não há nada a não ser este feixe de imagens.

K: É claro!

B: Mas a questão é como nós podemos ver isto como um fato verdadeiro?

K: Ah.

S: Mas, espere um minuto, há algo, além deste feixe de imagens, quero dizer, eu estou sentado exatamente aqui, agora, vendo você, e tudo o mais. Bem, eu tenho o sentimento de que há um centro de ação ou centro de consciência, que está dentro do meu corpo e associado com ele, que tem um centro, e não é você, e não é você, e não é o David, sou eu. E associado com este centro de ação, meu corpo, sentado aqui, é um todo de memórias e experiências, e sem essas memórias eu não seria capaz de falar, conversar, reconhecer as coisas.

K: É claro, é claro.

S: Assim, parece haver alguma substância nesta imagem de mim mesmo. Talvez haja imagens falsas associadas a ela, mas parece haver uma realidade que eu sinto enquanto eu sento aqui. Então, não é inteiramente ilusório.

K: Senhor, você está dizendo que é totalmente, basicamente diferente de nós três aqui?

S: Bem, eu estou em um lugar diferente e eu tenho um corpo diferente.

K: É claro.

S: E nesse sentido eu sou diferente.

K: É claro, eu admito isso, quero dizer, você é alto, eu sou baixo, Eu sou moreno, você é...

S: Sim.

K: ... preto, ou você é branco, ou cor de rosa, ou o que seja.

S: Bem, em outro nível eu não sou basicamente diferente no sentido de que nós todos sabemos falar a mesma língua e nos comunicamos, então há alguma coisa em comum. E em um nível puramente físico, todos temos muito em comum uns com os outros, o mesmo tipo de enzimas, químicos, e assim por diante. E esses de verdade - átomos de hidrogênio, átomos de oxigênio - nós temos em comum com todas as outras coisas.

K: Sim. Bem, sua consciência é diferente do resto? Consciência, não respostas do corpo, reações do corpo, condicionamento do corpo, sua consciência, isso é, suas crenças, seus medos, suas ansiedades, depressões, fé - tudo isso?

S: Bem, eu diria que muitos dos conteúdos da minha consciência ou muitas das crenças, desejos, etc que tenho, outras pessoas também têm. Mas eu diria que a combinação específica de experiências, memórias, desejos, etc. que eu tenho, é única, porque eu tive um conjunto próprio de experiências, como você teve e todos os outros tiveram, o que faz uma combinação única destes elementos diferentes.

K: Então, a minha é única?

S: Sim.

K: A dele também?

S: Exatamente.

K: O fato de ser única torna todos comuns. Não é mais única.

S: Isso é um paradoxo. Não é imediatamente claro.

B: Por que não é claro? Todo mundo é único, certo?

S: Sim, nós todos somos únicos.

K: Eu questiono isso.

S: Nós não somos únicos da mesma maneira. Caso contrário, a palavra "único" se torna sem significado. Se nós somos únicos, cada um de nós é único, temos um conjunto único de experiências, fatores ambientais, memórias, etc.

K: Isso que você acabou de dizer, é comum a todos nós.

S: Sim, nós todos temos isto, mas o que temos é diferente.

K: Sim, você criado na Inglaterra, e talvez algum outro criado na América, outro criado no Chile, nós todos temos experiências diferentes, país diferente, vistas diferentes, montanhas diferentes, e assim por diante.

S: Sim.

K: Mas além do ambiente físico, diferenças linguísticas, e acidentes de experiência, basicamente, fundamentalmente, no fundo, nós sofremos, nós temos muito medo, nós somos ansiosos, nós temos agonia a respeito de uma coisa ou outra, e conflito - este é o solo sobre o qual nós todos pisamos.

S: Mas isso não parece uma conclusão muito surpreendente.

K: Não, não é.

B: Mas eu acho, que o que você está dizendo realmente sugere que o que nós temos em comum é essencial e fundamental mais do que apenas superficial. E agora, eu conversei com pessoas sobre isso, e elas dizem, todo mundo concorda, nós todos temos estas coisas em comum, mas tristeza, sofrimento, e assim por diante, não são tão importantes; o ponto realmente importante são as grandes realizações da cultura e coisas do gênero, por exemplo.

H: Talvez a distinção seja entre a forma e o conteúdo. Nossos conteúdos são todos diferentes, e eles têm similaridades e diferenças, mas talvez a forma seja a mesma, a estrutura.

K: Eu diria que os conteúdos são os mesmos para todos os seres humanos.

B: Mas veja, eu posso reconhecer que existe uma tal coisa como humanidade comum, mas eu a consideraria bem possivelmente como uma abstração ou uma projeção mais do que uma realidade. Como eu sei que não é uma abstração?

K: Porque você anda pelo mundo, você vê pessoas sofrerem, você vê seres humanos em agonia, desespero, depressão, solidão, falta de afeto, falta de cuidado, atenção, isso são as reações humanas básicas, isso é parte da nossa consciência.

S: Sim.

K: Então, basicamente, você não é diferente de mim. Você pode ser alto, nascido na Inglaterra, eu ter nascido na África, eu tenho uma pele escura, mas lá no fundo do rio o conteúdo do rio é a água. O rio não é um rio asiático, ou um rio europeu, é um rio.

S: Sim, bem, isso é claramente verdadeiro em algum nível. Mas eu não estou bem certo em qual nível, entende.

K: Eu estou falando basicamente, profundamente.

S: Mas veja, me parece, por que parar aí? Eu posso ver algo em comum com todos os outros seres humanos, mas eu também posso, olhando os animais, ver algo em comum com eles. Nós temos muito em comum com os animais.

K: Certamente, certamente.

S: Então, por que parar nos seres humanos?

K: Eu não paro.

S: Por que não dizer...

K: Porque eu digo se eu sinto... Eu não gosto da palavra "comum." Sente-se que este é o solo sobre o qual todos os seres humanos pisam. Seu relacionamento com a natureza, animais e assim por diante, e o conteúdo de nossa consciência é, novamente, o solo da humanidade. O amor não é inglês, americano ou indiano. O ódio não é, a agonia não é sua ou minha, é agonia. Mas nós nos identificamos com a agonia, é minha agonia, que não é a sua.

S: No entanto, nós precisamos passar por isso de diferentes maneiras.

K: Expressões diferentes, reações diferentes, mas basicamente é agonia. Não agonia alemã e agonia asiática. Não é o que está acontecendo - britânico e argentino, é um conflito humano. Por que nós nos separamos de tudo isto? O britânico, o argentino, o judeu, o árabe, o hindu, o muçulmano. Você entende? Parece tudo sem sentido, tribal. A adoração de uma nação é tribalismo. Então, por que nós não podemos aniquilar tudo isso?

S: Eu não sei. Você me diz, por que nós não podemos?

K: Porque, novamente, nós voltamos à questão: Eu me identifico com minha nação, porque isso me dá certa força, certo padrão, certo status, certa segurança. Quando eu digo, "eu sou britânico"... Então, esta divisão é uma das razões da guerra, não somente econômica, social, e tudo o mais. Nacionalismo, que é realmente tribalismo glorificado, é a causa da guerra. Por que nós não aniquilamos isso? Parece tão razoável.

H: Parece razoável em um nível como o nacionalismo; as pessoas não pensam que elas são a Inglaterra.

K: Comece de lá.

H: Ok. Mas então eu tenho um paciente, e ele realmente pensa que é casado e que esta é sua esposa.

K: Sim. Claro, é sua esposa.

H: Bem, esta não é a mesma ação que você está falando?

K: Não, não. Senhor, vamos examinar lentamente.

H: Ok.

K: Por que eu quero me identificar com algo maior? Como nacionalismo, como deus.

H: Porque eu não me sinto suficiente.

K: Que quer dizer o quê?

H: Inseguro.

K: Inseguro, insuficiente, solitário, isolado. Eu construí um muro a meu redor.

H: Sim.

K: Então, tudo isto está me fazendo desesperadamente solitário. E desta solidão consciente ou inconsciente eu me identifico com deus, com a nação, com Mussolini - não importa - Hitler, ou qualquer mestre religioso.

H: Ok. Ou eu me caso, eu tenho uma profissão, eu faço um lugar para mim.

K: Sim.

H: E isso é tudo identificação também.

K: Sim. Por que nós queremos nos identificar com algo? Não, a questão básica é também, por que nós queremos raízes?

H: Para pertencer.

K: Para pertencer, que também implica em tornar-se.

H: Sim.

K: Então, este processo total de tornar-se, da infância, me pedem para tornar-me, tornar-me, tornar-me. De padre para bispo, de bispo para cardeal, de cardeal para papa. E no mundo dos negócios é a mesma coisa. No mundo espiritual é a mesma coisa. Eu sou isso, mas eu devo me tornar aquilo.

H: Ok, o que eu sou não é suficiente.

K: Por que nós queremos nos tornar? O que é que é tornar-se?

S: Qualquer razão óbvia para querer tornar-se é um sentimento de insuficiência, inadequação, no estado que nós estamos. E uma das razões para isto é que vivemos num mundo imperfeito, nossas relações com outras pessoas são imperfeitas. Nós não estamos contentes por várias razões com o modo como somos. Então a saída disso parece ser tornar-se alguma outra coisa.

K: Sim. Isso significa escapar "do que é".

S: Sim. Mas parece que "o que é" é algo do qual nós temos uma necessidade de escapar, porque tem alguma coisa errada com ele.

K: Certo. Peguemos a experiência habitual. Eu sou violento, e eu inventei a não-violência. Certo? E eu estou tentando me tornar isso. Eu precisarei de anos para me tornar isso. No meio tempo sou violento. Então, eu nunca escapei da violência. É somente uma invenção.

S: Bem, você está tentando escapar disso. Você pode escapar no final.

K: Não, eu não quero escapar. Eu quero entender a natureza da violência, no que ela implica, se é possível viver uma vida sem nenhum senso de violência.

S: Mas o que você está sugerindo é um método mais efetivo de escapar. Você não está sugerindo um abandono da ideia de escapar. Você está sugerindo que o modo normal de escapar, tentando tornar-se não violento, é um modo que não funciona. Ao passo que se você usa um outro método, onde você realmente

olha para a violência de uma forma diferente, você pode tornar-se não violento.

K: Eu não estou fugindo.

S: Bem, você está mudando então.

K: Não. Eu sou violento.

S: Sim.

K: Eu quero ver qual é a natureza da violência, como ela surge.

S: Mas com qual propósito?

K: Para ver se é possível ser livre dela completamente.

S: Mas isto não é um tipo de fuga dela?

K: Não.

S: Ser livre de alguma coisa...

K: ...não é uma fuga.

S: Por que não?

K: Evitar, fugir, voar daquilo "que é", é uma fuga, mas dizer, olhar, isto é o que eu sou, vamos olhar para isto, vamos observar qual é o seu conteúdo. Isso não é fuga!

S: Ah, eu entendo, a diferença que você está fazendo é que se você foge, e escapar num sentido normal é fugir de alguma coisa, como fugir de uma prisão ou de seus pais, ou do que seja, mas eles ainda permanecem lá. O que você está dizendo é que mais do que escapar da violência, o que deixa a violência intacta e ainda presente, e você tenta e se distancia dela, você tenta dissolver a violência ou aboli-la.

K: Dissolver.

S: Sim.

K: Não abolir, dissolver.

S: Certo. Assim, isto é diferente de escapar, porque você está tentando dissolver a coisa, em vez de fugir dela.

K: Fugir é... Todo mundo foge.

S: Bem, normalmente funciona, até certo ponto.

K: Não. É como fugir da minha agonia indo ao futebol. Eu volto para casa, ela está lá! Eu não quero ir assistir futebol, mas eu quero ver o que é violência e ver se é possível se livrar completamente dela.

S: Se eu estiver numa sociedade muito desagradável e puder escapar dela desertando ou abandonando-a e indo para outro lugar. E isto significa na realidade, que eu escapo até certo ponto.

K: Claro.

S: Então sempre há respostas parciais e elas são parcialmente eficazes.

K: Eu não quero ser parcialmente violento. Ou parcialmente livre da violência. Eu quero descobrir se é possível acabar totalmente com ela. Isso não é uma fuga, isso é me envolver até os cabelos.

S: Sim. Mas você tem de acreditar que é possível a fim de se envolver até os cabelos.

K: Eu não sei, eu vou investigar. Eu disse, para mim, eu sei que se pode viver sem violência. Mas isso pode ser uma anomalia, pode ser uma anomalia biológica, etc. Mas para discutirmos juntos, nós quatro, e vermos se podemos nos livrar da violência completamente, significa não escapar, não suprimir, não transcendê-la, e ver o que a violência é. A violência é parte da imitação, conformidade, Certo? Além de dores físicas, eu não estou falando sobre isso. Então, psicologicamente existe esta constante comparação, que é parte da dor, parte da violência. Então, eu posso viver sem comparação, quando desde a infância eu fui treinado a me comparar com alguém? Eu estou falando sobre comparação, não roupa boa e roupa ruim.

H: Certo. Falando sobre me comparar.

K: Eu com você que é brilhante, que é inteligente, que tem notoriedade. Quando você diz uma palavra, o mundo inteiro ouve. E eu posso gritar, ninguém se importa. Então, eu quero ser igual a você. Então, eu constantemente me comparo com algo que eu acredito ser maior.

H: Então, isso é de onde vem o tornar-se, esta comparação.

K: É justamente isto. Então, eu posso viver sem comparação?

H: Isso não me deixa em um estado insuficiente?

K: Não. Viver sem comparação? Não.

H: Aqui eu começo insuficiente...

K: Entende, senhor? Eu sou estúpido porque me comparo com você, que é brilhante?

H: Sim. Sim, você é estúpido porque se compara.

K: Comparando-me com você, que é brilhante, que é inteligente, eu me torno estúpido. Eu acho que sou estúpido.

H: Sim.

K: Mas se eu não comparo, eu sou o que sou.

S: Você pode não comparar, mas eu posso. Posso dizer, "Você é estúpido".

K: Certo. Eu digo, "Certo". Você diz que eu sou estúpido. Eu digo, "Sou?" Eu quero saber o que isso significa. Significa que ele está se comparando comigo, que é... - você está seguindo? o oposto disto!

S: Muito frustrante isso. Sim. Quero dizer, se alguém se comparasse com alguém e dissesse, "Você é estúpido", e então eles dissessem, "O que significa estupidez?"

K: Outro dia, depois de uma das palestras na Inglaterra um homem veio até mim e disse, "Senhor, você é um homem de idade bonito, mas está bitolado". Eu disse, "Bem, senhor, talvez, senhor, eu não sei, vamos investigar". Então eu fui para meu quarto e disse, "Estou?" Porque eu não quero estar bitolado. Talvez esteja. Então, refleti com muito, muito cuidado, passo a passo, e descobri o que significa bitola - ficar preso numa bitola ao longo de um trilho. Talvez, então observei. Assim, a observação de um fato é completamente diferente de escapar ou suprimi-lo.

H: Então, ele diz que você está bitolado, e você observa, não compara.

K: Não. Estou bitolado? Eu olho. Eu talvez esteja preso a um trilho porque eu falo inglês. Eu falo italiano e francês. Certo. E isso não... Estou eu, psicologicamente, internamente preso num trilho como um bonde?

H: Somente motivado por alguma coisa, sem entendê-la.

K: Não, eu estou? Eu não sei, vou descobrir. Vou observar. Vou ficar terrivelmente atento, sensível, alerta.

H: Bem, isto requer que você não reaja de início, dizendo "Não, isso é horrível, não é possível que eu seja bitolado."

K: Eu não faria isso. Talvez você esteja dizendo a verdade.

H: Para não ter essa reação, você não pode ter este ego aí que diz, "eu não sou o tipo de pessoa que fica bitolada."

K: Eu não sei. Senhor, existe um aprendizado sobre si mesmo que não seja... - isto leva a alguma outra coisa, eu não devo entrar nisso - que não seja constante acumulação sobre mim? Eu não sei se estou me fazendo claro.

H: Sim.

K: Eu me observo.

H: Sim.

K: E eu aprendi alguma coisa dessa observação. E esta alguma coisa está sendo acumulada o tempo todo através da observação. Eu acho que isso não é aprender sobre si próprio.

H: Sim. É estar preocupado com o que você pensa sobre você.

K: Sim, o que você pensa sobre você, o que você adquiriu sobre si próprio.

H: Sim.

K: Como um rio que está correndo, você precisa segui-lo. Isso leva a algum outro lugar. Vamos voltar.

H: Talvez isto seja parte da questão que estamos levantando, porque nós começamos com como ocorre esta desordem.

K: Sim, senhor, vamos nos ater a isso.

H: Isto ocorre porque eu tenho a imagem de mim mesmo como alguém que sabe não estar bitolado. Eu não gosto de pensar que eu estou bitolado, e alguém diz, "Sim, você está."

K: Mas talvez você esteja.

H: Sim. Eu tenho de estar aberto para olhar, para ver.

K: Sim, para observar.

S: Mas então, que tal esta abordagem: alguém diz que eu estou bitolado, eu olho para mim mesmo e penso, "Sim, eu estou bitolado" e então eu posso responder pensando, o que está errado com isso? Todo mundo é bitolado.

K: Senhor, isso é simplesmente irracional.

S: Não, você aceita o fato, mas então pensa, "Por que eu deveria fazer algo a respeito disso?" O que há de errado com isso como uma abordagem?

K: Como um homem preso ao Hinduísmo, ele está preso. Ele está, então, contribuindo para a guerra.

S: Eu poderia dizer, bem, eu sou bitolado, mas todo mundo é, é a natureza da humanidade ser bitolada.

K: Veja, é isso, você dispara, é a natureza da humanidade. Mas eu questiono isso. Se você diz que é a natureza da humanidade, vamos mudá-la, pelo amor de deus!

S: Mas você talvez acredite que é imutável. Que razão eu tenho para acreditar que podemos mudá-la? Eu posso pensar que sou bitolado, você também, e todo mundo. E todos aqueles que pensam que não são, estão iludindo a si próprios.

K: Estão se enganando. Eu posso enganar, então começo a inquirir - estou me enganando? Quero ser muito honesto sobre isto. Eu não quero enganar, não quero ser hipócrita.

S: Você pode não ser um hipócrita, você pode pensar, "Eu sou bitolado", e você pode ser um pessimista. A alternativa de ser hipócrita é ser pessimista.

K: Não, eu não sou nem pessimista, nem otimista. Eu digo, "Olha, eu sou bitolado?" Eu observo o dia todo.

S: E você talvez conclua, "Sim". Mas então você pode pegar a causa pessimista e dizer, "Sim, eu sou, mas e daí?"

K: Se você prefere este tipo de vida, vá em frente. Mas eu não quero viver desta maneira.

H: Bem, a pessoa que vem para a terapia normalmente vem com os dois lados ao mesmo tempo. Ela diz que tem este problema do qual quer se livrar, ela não quer ficar bitolada; por outro lado, quando é preciso realmente olhar para isso, ela não quer olhar para isso também, porque se torna desconfortável.

K: É claro. Então, voltando à sua pergunta inicial, o mundo está em desordem, os seres humanos estão em desordem, e nós descrevemos o que é desordem. E existe uma possibilidade de viver livre da desordem? Essa é a pergunta básica real. Dissemos que enquanto houver este processo de vida divisivo - Eu sou hindu, você é árabe, eu sou budista, você é muçulmano, eu sou britânico, você é argentino - tem de haver conflito, guerra. Meu filho será morto, pelo quê?

H: Enquanto eu me identificar pessoalmente com meu emprego, ou com minha família, e assim por diante, haverá dor.

K: Claro.

H: É o mesmo processo.

K: Então, é possível ter, sem identificação, responsabilidade?

H: Se eu nem me identifico, será que irei ao trabalho?

K: Mas eu sou responsável pela mulher com a qual estou casado. Responsável no sentido de que eu tenho de tomar conta dela, cuidar dela, e ela tem de cuidar de mim. Responsabilidade significa ordem. Mas nos tornamos totalmente irresponsáveis, isolando-nos - britânico, francês.

H: Nós lidamos com o problema da responsabilidade desenvolvendo um trilha no qual possamos trabalhar.

K: Sim. É isso.

H: E ficando dentro dele.

K: Se eu visse o fato de que responsabilidade é ordem - Eu sou responsável por manter esta casa limpa - mas como todos vivemos nesta terra, é nossa terra, não é terra britânica, e terra francesa, e alemã, é nossa terra para vivermos nela. E nós nos dividimos, porque nesta divisão acreditamos que haja segurança.

H: Há estabilidade e segurança.

K: Segurança. Que não é segurança de modo algum.

H: Bem, não está claro, temos de ir devagar, pois eu acho que meu emprego é segurança, que minha família é segurança.

K: Você pode perdê-los.

H: Esse problema sempre aparece.

K: Há bastante desemprego na América e Inglaterra, três milhões de pessoas desempregadas na Inglaterra.

H: Ou talvez eu pudesse me virar sem meu emprego, mas eu preciso achar que eu tenho algum respeito próprio.

K: O que você quer dizer, respeito próprio?

H: O que eu estou tentando dizer é que há algum lugar no qual eu ponho uma identificação.

K: Por que eu deveria querer me identificar com alguma coisa, senhor? Isso cria imediato isolamento.

H: Por causa da estabilidade.

K: O isolamento promove estabilidade?

H: Ele dá uma sensação de algo sólido e firme.

K: Dá? É mesmo? Temos tido nos últimos cinco mil anos aproximadamente cinco mil guerras. Isto é estabilidade?

H: Não.

K: Por que não aceitamos... Não vou entrar nisso tudo. O que está errado conosco?

H: Bem, por que não vemos isto? Você está dizendo que a raiz do problema é que eu continuo a me identificar com uma coisa atrás da outra, se uma não funciona, simplesmente encontro outra coisa. Eu não paro de me identificar.

K: Sim, senhor, isso cria isolamento.

H: Mas no seu exemplo sobre a pessoa que está bitolada, você diz, "Eu não preciso me identificar, eu posso simplesmente recuar e olhar para a coisa, e ver se ela é verdadeira.

K: Sim.

H: Então, você está sugerindo que há algo que não está identificado, algo que é livre para olhar.

K: Não. Isto leva a uma outra coisa. Por que eu quero me identificar? Provavelmente, basicamente, o desejo de estar seguro, de estar a salvo, protegido. E esta sensação me dá força.

H: Força e propósito, direção.

K: Isso me dá força.

H: Sim.

S: Mas isto é um fato biológico. Não é meramente uma ilusão. E se nós novamente, voltando ao reino animal, virmos lá - veado anda em manadas, pássaros em revoada, abelhas têm colmeias e elas se identificam com a colmeia na qual elas trabalham.

K: Mas abelhas não matam umas às outras, as espécies não se matam.

S: Bem, elas matam umas as outras, matam abelhas que invadem sua colmeia. Elas não cometem suicídio. Elas matam outras.

K: Mas nós sim!

S: Sim e não, abelhas lutam com outras abelhas que invadem sua colmeia.

K: É claro. Sim, eu sei. Eu criei abelhas, eu sei.

S: Então, vemos mesmo no reino animal esta identificação com um grupo, nos animais sociais, e muitos animais sociais, e nós somos animais sociais.

K: Espere um minuto. Concordo. Estamos nós, quando nos identificamos com a Índia, ou China, ou Alemanha, isto está nos dando segurança?

S: Até um certo limite, sim.

K: Até um certo limite.

S: Identificando-nos com nossas famílias, sim, pois toda esta questão de responsabilidade parece intimamente ligada a isso. Se me identifico com minha família, tenho deveres junto a ela, proteger - se minha irmã for insultada, eu corro para defendê-la e faço uma confusão, e ameaço, ou até mato as pessoas que a insultaram.

K: Não temos irmãs.

S: Sim, felizmente não.

S: Então, se eu proteger membros da minha família e defender, correr em sua defesa, então, um insulto a eles ou um ataque a eles é um insulto a mim, então eu corro em sua defesa.

K: É claro.

S: Existe uma obrigação recíproca por parte deles, se eu ficar doente, eles me alimentarão e cuidarão de mim, se eu for preso pela polícia, eles tentarão e me tirarão da prisão, e assim por diante. Assim, isso me dá realmente um tipo de segurança, funciona de verdade.

K: É claro.

S: E isso é uma razão muito boa para a maioria da pessoas.

K: Mas estenda isto um pouco além da sua família, para a comunidade, da comunidade para a nação, e assim por diante, isso é um imenso processo de isolamento. Você é inglês, eu sou alemão e nós agarramos um na garganta do outro. E eu digo, por deus, isto é tão idiota!

S: Bem, não é totalmente idiota porque funciona até um certo limite.

K: Isto é totalmente impraticável. Pode funcionar, mas é impraticável, está matando uns aos outros.

S: Mas não matamos uns aos outros ainda, existem mais seres humanos do que já existiu antes. Então, o sistema até agora chegou a um ponto onde nós estamos longe de matarmos uns aos outros, nós na realidade chegamos a um ponto onde temos uma população maior do que o mundo já viu até então. Assim, o sistema funciona muito bem, por alguma razão.

K: Então, você propõe a guerra para matar todos?

S: Não! Mas existe algum aspecto nele que funciona, e alguma segurança que é genuína, que estas coisas conferem.

K: Sim, senhor. Num certo nível, identificação tem uma certa importância. Certo? Mas num nível mais alto, se você pode chamar isto de mais alto, torna-se perigoso. É tudo o que estamos dizendo. É claro, se você é meu irmão, você cuida de mim.

B: É muito difícil colocar um limite, veja, isso começa a espalhar-se.

K: É isso, espalhar-se.

B: Você sabe, desliza.

K: É contra isso que eu estou contestando tanto.

S: Mas veja, a questão é onde você coloca um limite, porque se você é meu irmão, então você tem a tribo, o clã, ou na Índia, a casta.

K: É isto. Estenda. E então dizemos, "Sou argentino, você é britânico, ele é francês," econômica, social e culturalmente estamos assassinando uns aos outros. E eu digo, isso é tão insano!

S: Mas onde você coloca o limite? Se você diz que a nação é errada, então o que está errado com a tribo ou a casta, então você tem conflito entre elas. Nós temos conflitos entre famílias.

K: Eu não colocaria um limite. Digo, eu sou responsável como um ser humano pelo que está acontecendo no mundo, porque eu sou um humano. E então, o que está acontecendo no mundo é uma terrível divisão, e eu não serei um hindu, não serei um católico, protestante, budista - nada. Se existissem cem ou mil pessoas assim, elas começariam a fazer alguma coisa.

H: Então você está dizendo que o problema aparece porque eu confundo minha segurança local, eu penso que ela se encontra em alguma identificação local.

K: Sim, senhor, e isto é isolamento. E por isso no isolamento não existe segurança. E portanto, não existe ordem.